

## PROMETEU ENTRE DOIS MITOS: TRAGÉDIA E PSICANÁLISE\*

Antonio Quinet\*\*

Patricia Horvat\*\*\*

### Resumo:

*Apresentamos uma leitura da tragédia **Prometeu Acorrentado**, traçando paralelos com o mito freudiano de **Totem e Tabu**. Buscamos analogias entre o comportamento de Zeus narrado na tragédia e o do pai primevo freudiano em relação a seus descendentes, demonstrando que, em certa medida, é possível apontar, no mito cunhado por Freud, uma estrutura narrativa que se aproxima de passagens da tragédia. Encontramos elementos passíveis de comparação presentes tanto em **Prometeu Acorrentado**, em sua relação com Zeus, quanto na relação dos filhos com o pai da horda primitiva: a submissão à tirania, a castração simbólica e a instituição da Lei.*

**Palavras-chave:** *Tragédia; Psicanálise; Prometeu Acorrentado; Lei; mito.*

*... o efeito trágico, diz-se, apoia-se na oposição entre a vontade onipotente dos deuses e a vã resistência que a ela opõem os ho-*

---

\* Recebido em 02/05/2013 e aceito em 14/06/2013.

\*\* Psicanalista, psiquiatra, dramaturgo e doutor em Filosofia pela Université-Paris VIII – Vincennes. É Analista Membro da Escola (Ame) de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, professor adjunto do Programa de Pós-graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida e colaborador do Instituto de Psiquiatria da UFRJ. É fundador e diretor da Cia Inconsciente em Cena.

\*\*\* Artista plástica, mestre em Filosofia e em Psicanálise. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida, sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Quinet. É pesquisadora do Núcleo de Representações e de Imagens da Antiguidade da Universidade Federal Fluminense (Nereida/UFF) e do Núcleo de Estudos e Referências sobre a Antiguidade e o Medievo (Nero/UNIRIO).

*mens ameaçados pela desgraça; os espectadores, profundamente comovidos, aprenderão, com o drama, a submeter-se à vontade dos deuses e a compreender a sua própria impotência.* (FREUD, **AE**, IV 1991, p.270)

Sigmund Freud revela, em suas obras, uma típica erudição antiquário-filológica, marca dos *scholars* de seu tempo, cujas raízes se encontram no Romantismo alemão. Em seus textos encontramos, geralmente de forma especulativa e não sistemática, referências a autores e a obras da Antiguidade como Heródoto, Flávio Josefo, Homero, Hesíodo, Horácio, Ovídio, Sófocles, Epicuro, Ésquilo e Esopo. Do mesmo modo, deuses, heróis e diversas personagens gregas, egípcias e romanas pululam em diferentes citações e situações: Hércules, Júpiter, Juno, Osíris, Nefertiti, Narciso, Zeus, Cleópatra, Clitemnestra, Hermes, Prometeu, por exemplo, são nomes que compõem uma lista de tamanho considerável. Desse modo, é notável o interesse pelo mundo antigo e suas representações no pensamento de Freud, e a presença da Antiguidade – como era concebida e construída então – em seus textos.

Sabemos que uma tragédia grega em particular forneceu o mito que, reinterpretado por Freud, se tornou o *numen* tutelar da psicanálise e sua pedra fundamental, *Oedipous Turannós*, o **Édipo-Rei**, de Sófocles que, para Aristóteles, representava o modelo perfeito do drama trágico (**Poet.** XI. 2 *passim*). A reinterpretação drástica da lenda de Édipo tornou-o um paradigma da experiência humana para a teoria e prática psicanalíticas, e Simon Goldhill, sobre este tema, é esclarecedor:

*Por que então Édipo desempenhou tal papel para Freud? Duas respostas imediatamente surgem. Primeiro, o nome “Édipo” resumia convenientemente as emoções ambivalentes e violentas do desejo entre filhos e pais que Freud considerou a crise emocional no desenvolvimento inicial de qualquer criança. Em segundo lugar, ele reconheceu na tragédia grega o tipo de conversa, exploratória e poderosa, que demandava a psicanálise. Freud foi explícito sobre sua dívida. A ação em Édipo-Rei, ele escreve, descreve “um processo que pode ser comparado ao trabalho da psicanálise”. A dolorosa e obstinada busca de Édipo por si mesmo, que passa pelo questionamento do passado até o momento em que foi concebido, lembra a*

*Freud o trabalho da análise. As repetidas imagens de “solucionar charadas”, “rastrear pegadas”, “caçar a verdade”, por meio das quais a busca de Édipo é descrita, foi também, obviamente, um atrativo. (GOLDHILL, 2007, p.261)*

Podemos dizer que Freud viu na tragédia de Sófocles e em seu efeito sobre o leitor/espectador a expressão do desejo que ele encontrou no inconsciente – no seu próprio e no de seus pacientes. Para ele, o gozo (*Genuss*)<sup>1</sup> do espectador consiste em ver, no palco, esses desejos realizados. O método psicanalítico foi proposto como uma investigação da verdade que o sujeito, tal como a personagem Édipo, conscientemente reluta em ver.

Nosso interesse se volta, aqui, para outra tragédia, *Prometheus Desmotes*, o **Prometeu Acorrentado**, buscando apontar aspectos da relação de subordinação das personagens, e da figura do protagonista, o titã Prometeu, em sua revolta contra a figura de central de poder, Zeus, assim como sua tentativa de destituí-lo de sua posição de soberania. Partimos do pressuposto de que a psicanálise se desenvolveu em estreita relação com a interpretação da tragédia. Esta não apenas forneceu metáforas com as quais Sigmund Freud expressou suas ideias e conclusões, derivadas de seus estudos e de sua prática analítica, mas fundamentou verdadeiros modelos teóricos, que são bem-sucedidos até nossos dias na abordagem teórica e na clínica psicanalítica.

Assim como a tragédia põe em cena os mitos da Antiguidade grega, Freud criou um mito que constitui um elemento fundador da teoria psicanalítica, que articula os âmbitos individual e coletivo de todo sujeito humano: o mito do assassinato do *Pai*, fundador da *Lei* e da civilização. À luz desse mito e de outros conceitos psicanalíticos, observaremos a tragédia **Prometeu Acorrentado**, atribuída a Ésquilo.<sup>2</sup>

### **Prometeu e o *Prometeu Acorrentado***

O titã Prometeu tem um importante papel em narrativas que dão sentido à vida humana no mundo. Na **Teogonia** de Hesíodo (ca. 750 – 650 a.C.), por exemplo, há quase cem versos destinados ao conflito entre Prometeu e Zeus (vv. 521-616): o astuto Prometeu, no banquete de Mecone, tenta enganar ao Olímpico destinando a melhor parte do animal sacrificado aos seres humanos, seguindo-se a retaliação de Zeus; o roubo do fogo por Pro-

meteu e a entrega deste elemento divino à humanidade, e a “punição” que sobreveio na forma de uma nova criatura, a mulher, e a prisão do “ladrão” numa coluna, eternamente torturado por uma águia a devorar seu fígado. A suprema inteligência de Zeus é aí destacada, e a mensagem é clara e reforçada pela *titanomachia* dos versos seguintes (vv. 617-720): não é possível evitar seu poder. Nos *Erga (Os Trabalhos e os Dias)*, novamente Prometeu ocupa grande parte do poema, e é desenvolvida a figura de *Pandora* (“todos os dons”), a explicar a miséria da condição humana. Os esforços de Prometeu em benefício da humanidade resultam, invariavelmente, em sofrimentos para ele e para suas criaturas.

No século V a.C., Prometeu ressurgiu para nós em plena cena literária e dramática:<sup>3</sup> em Platão (*Prot.* 320-323), por exemplo, que reafirma o Titã como um mito de criação da humanidade; na comédia siciliana *Pyrrrha* (fr. 114-22), de Epicarmo, e no *Prometheus Pyrkaeus*, de Ésquilo (472 a.C.), obras que dramatizavam o banquete de Mecone, dentre outros exemplos que anteciparam a tragédia **Prometeu Acorrentado**, dedicada ao deus honrado no festival ateniense da *Promethia* (GRIFFITH, 1983, p.2-5). Nessas diferentes versões, a figura do Titã assoma polissêmica, ora eticamente dúbia, ora um modelo de dignidade contra a opressão de Zeus, mas sempre grandiloquente. E a versão dramática da tragédia **Prometeu Acorrentado**, potencializando os efeitos patéticos do conflito entre Prometeu e Zeus, dominou a cena teatral e literária nos séculos futuros, com base na dicotomia entre o “protetor da humanidade” e o “tirano opressivo”.<sup>4</sup>

A sinopse da tragédia apresenta o titã Prometeu como protetor dos seres humanos, a quem concedeu o fogo roubado de Zeus e ensinou as artes. Zeus, como punição, ordena Cratos, Bias e Hefestos a acorrentá-lo na Cítia (ao norte do Mar Negro), região escarpada e selvagem, perto do mar e fora dos limites do espaço humano. Prometeu está preso à rocha e ali permanece. Como não deixa a cena, toda a ação tem de vir a ele, e a peça consiste em diálogos entre o Titã e seus visitantes. A peça, portanto, se desenvolve a partir dos diálogos Cratos/Hefestos, Oceanos/Prometeu, Prometeu/Io, Hermes/Prometeu e Prometeu/Coro das Oceânides. As marcações temporais da peça são vagas, por exemplo, o roubo do fogo por Prometeu aparece como tendo ocorrido muito antes do nascimento de Io, enquanto o universo diegético da peça situa-se em um tempo não muito distante da vitória de Zeus sobre Chronos, na mais remota origem da humanidade, o que é uma contradição temporal, posto que Io vive num tempo mítico em que seres

humanos já constituíram cidades e reinos, mas a coerência cronológica não é uma exigência do mito, tampouco do inconsciente, tal como aparece nos sonhos e em suas associações.

O conteúdo espiritual de uma cultura tem no mito sua expressão mais espontânea e o que permite a compreensão e a atualização dos seus significados é o estudo das matrizes da imaginação, que atuam como motivação, propósito e modelo para as ações. As alegorias míticas e as peripécias dramáticas transportam também determinadas representações inconscientes, como no caso do Édipo.<sup>5</sup> Nesse sentido, a interpretação das categorias instituidoras dos valores éticos, reiteradas nos mitos gregos e postas em cena pelas tragédias, se prestaria à interpretação do mundo contemporâneo.

A encenação da tragédia é, por um lado, o lugar especular em que se estabelece o olhar vigilante da *pólis*. A cena que se oferece à visão tem a função de ver o público e fazer crer que vê cada espectador individualizado, lançando sobre ele as suas expectativas. Por outro lado, o espectador reconhece sua própria imagem, reconhece sua incongruência em relação à vontade da cidade e sua impotência em relação ao dever-ser, e se reconhece no conflito do herói dividido entre tal vontade e suas próprias determinações. O espectador é seduzido pela cena, vê o que ele mesmo aparentemente não sabia e passa a assumir, pela identificação com as personagens e com a reação do público, um determinado papel, inserindo-se num universo comum de significações. A tragédia lhe envia uma mensagem moral de não ceder à sua *hybris* e não cometer qualquer *hamartia*, e, assim, adaptar-se às leis da *pólis*. Por outro lado, a tragédia lhe possibilita, pela *catarse*, um tratamento de suas pulsões, conflitos e desejos, já que se identifica, pelo terror ou pela compaixão, com o destino do protagonista.

Para pensarmos os eventos simbólicos da tragédia, no sentido que ora nos propomos, é necessário considerarmos a importância fundamental que a psicanálise confere à ideia de *Pai*, ponto de partida para a instituição da ideia de *Lei*. A representação do Pai como Lei é, na psicanálise, um conceito universal com validade sensível, mais do que lógica, significando a obstaculização e, ao mesmo tempo, a instituição do desejo singular.<sup>6</sup> Zeus, que em outras tragédias supérstites representa a justiça e a sabedoria, é, em **Prometeu Acorrentado**, apresentado como um poder novo, recém-instaurado, com a supremacia do poder tirânico, e doravante simbolizará a figura paterna. Os mitos de Prometeu e de Io, sua interlocutora no terceiro episódio, podem ser considerados fundantes por funcionarem no momento

de fixação de um substrato cultural que implica a instauração da ordem estatal da *pólis*, portanto, a associação das ideias de Pai, Lei e Ordem, em oposição a Mãe, Impulso e Caos, construindo um antagonismo que cria instâncias linguísticas a dialetizar. A construção de valores éticos a partir da oposição binária se estabelece e é consolidada pelos rituais de passagem a que são submetidos os cidadãos da *pólis* desde a puberdade.

Prometeu, *pro methis*, tem o poder de ver adiante, de ver o futuro, está, no universo cênico dessa tragédia, colocado fora do convívio de todos, isolado do mundo dos deuses e dos mortais, mas exposto à visitação e à visão de todos, que, segundo ele, se comprazem de seu sofrimento. No entanto, parece ser o mundo o que gira em torno do protagonista que, como um ímã titânico, atrai a passagem de visitantes, todos interessados naquele que desafiou o grande Zeus, detentor do poder, recém-vitorioso da Guerra de Titãs que lhe garantiu o domínio sobre os deuses e sobre o mundo, comportando-se como o jovem tirano denunciado por Prometeu. O titã detém o conhecimento que fará, no futuro e a partir da pacificação da violência de Zeus, com que o grande deus se consolide no poder e se torne o que será na religião grega: o princípio da sabedoria, a representação do Grande Outro, da Lei como âmbito da verdade. Zeus, representado na peça, então, como tirano, está constantemente atento a Prometeu, a tal ponto que, no final da tragédia, envia seu filho e fiel escudeiro Hermes para descobrir o segredo do seu futuro, que só Prometeu sabia e que lhe garantiria governar eternamente.

Prometeu recusa-se a revelar seu segredo a todos os visitantes, resistindo à bajulação de um (Oceano) e às ameaças de outro (Hermes). Contudo, revela-o, sem maiores detalhes, a Io, personagem que compartilha, com o protagonista, a condição de vítima do poder de Zeus, o grande Outro que legisla. Eis o segredo: o grande deus será destronado pelo mais poderoso de seus filhos do mesmo modo que Chronos, seu pai, destronara Uranos, de quem era filho, num verdadeiro ciclo de parricídios simbólicos (posto que os deuses são imortais) que caracterizava a luta pelo poder e pela hegemonia na “origem dos tempos”.

Procederemos à exposição de diálogos selecionados da peça e à sua comparação com algumas considerações extraídas do mito freudiano descrito em **Totem e Tabu**, além de breves remetimentos a outros trabalhos do criador da psicanálise, cujos temas se aproximam da temática aqui pontuada. Pretendemos fazer uma abordagem não exaustiva, pois a tragédia é polissêmica, permitindo outras e distintas abordagens.

## **Prometeu Acorrentado** entre dois mitos

Uma passagem de **Psicologia das Massas e Análise do Eu** permite uma via de acesso à interpretação do universo diegético da tragédia:

*Dissemos que seria possível especificar o ponto do desenvolvimento mental da humanidade em que a passagem da psicologia de grupo para a psicologia individual foi alcançada também pelos membros do grupo. Para esse fim, devemos retornar por um momento ao mito científico do pai da horda primeva. Ele foi posteriormente exaltado como criador do mundo, e com justiça, porque produziu todos os filhos que compuseram o primeiro grupo. Era o ideal de cada um deles, ao mesmo tempo temido e honrado, o que conduziu mais tarde à ideia do tabu. Esses numerosos indivíduos acabaram por se agrupar; mataram-no e despedaçaram-no. Ninguém do grupo de vitoriosos podia tomar o seu lugar; ou, se algum o fez, retomaram-se os combates, até compreenderem que deviam todos renunciar à herança do pai. Formaram então a comunidade totêmica de irmãos, todos com direitos iguais e unidos pelas proibições totêmicas que se destinavam a preservar e a expiar a lembrança do assassinato. No entanto, a insatisfação com o que fora conseguido ainda permanecia e tornou-se fonte de novos desfechos. As pessoas que estavam unidas nesse grupo de irmãos gradualmente chegaram a uma revivescência do antigo estado de coisas, em novo nível. O macho tornou-se mais uma vez o chefe de uma família e destruiu as prerrogativas da ginococracia que se estabelecera durante o período em que não havia pai. Em compensação, ele, nessa ocasião, pode ter reconhecido as divindades maternas, cujos sacerdotes eram castrados para a proteção da mãe, segundo o exemplo que fora fornecido pelo pai da horda primeva. Contudo, a nova família era apenas uma sombra da antiga; havia um grande número de pais e cada um deles era limitado pelos direitos dos outros. (FREUD, AE XVIII, 1991, p.128)*

Com tal modelo em mente, relembremos o universo mítico no qual se insere **Prometeu Acorrentado**: no início, havia *Kháos*, escuridão em que os limites são indistinguíveis. Do seio de Caos surgiu *Gaía*, a Mãe-Terra, que é o seu contrário, a primeira delimitação espacial. A Terra cria, en-

tão, sem concurso de nenhuma outra potência, *Ouranós* (Urano), o Céu, e *Póntos*, a Água (HESÍODO. **Teog.** 1). Urano “deitou-se sobre Gaía”, e a cobriu de tal modo que seus filhos não podiam nascer. Céu e Terra eram, então, indistintos, mas Gaía ressentia-se de Urano, seu filho e marido, e sofria com as dores provocadas pelos filhos presos em seu interior. A Terra, então, entregou uma foice de ouro ao mais poderoso dos filhos presos, não nascidos, e o ensinou a afastar Urano de seu amplexo infinito. Esse filho era *Chronos* (Tempo), que ergueu o braço do interior de Gaía e castrou seu pai. Ao sentir dor, Urano se afasta da mãe-esposa, e todos os demais filhos, os Titãs, são libertados, assim como Céu e Terra são separados.

Podemos fazer um paralelo com o mito freudiano, segundo o qual, “(...) o pai da horda primeva, devido à sua intolerância sexual, compeliu todos os filhos à abstinência, forçando-os assim a laços inibidos em seus objetivos, enquanto reservava para si a liberdade de gozo sexual, permanecendo, desse modo, sem vínculos” (FREUD, **AE XVIII**, 1991, p.132), e consideramos que,

*(...) No mito de Totem e tabu, o pai primitivo, que impedia o gozo de todos os seus filhos, pois se reservava o direito de possuir todas as mulheres, é morto por eles. Esses mesmos membros da horda irão instaurar a interdição da endogamia, erigindo um totem que simboliza o pai morto. E assim não se goza da mãe em momento algum. Mas esse mito faz aparecer o gozo do Pai e seu poder de coação. (QUINET, 2004, p.133)*

Diferente do mito freudiano em que os filhos se unem e matam o pai, no mito grego há uma mentora do crime, Gaía, e apenas um dos filhos, Chronos, ataca o pai. Se no mito do **Totem e Tabu** o pai é morto, aqui o pai é castrado, mas em ambos os casos é seu poder que é destituído. Gaía, portanto, assume que o filho possui os atributos que a ligavam ao marido. Ela é a mentora da castração de Urano, que substitui, optando pelo *phallus*, poder, do filho, com a perversidade de induzir o outro à realização do próprio desejo. Há uma competição entre as forças parentais, e a castração operada obliquamente pela mãe mantém um equilíbrio de forças. Esse jogo de poderes será resgatado em cada geração de parricidas, casados sucessivamente com deusas cujos nomes vêm seguidos do nome “Gaía”,<sup>7</sup> a mãe primeva, que acabará por suprimir o falo imaginário de um marido e dá-lo a um filho, sobre o qual tem ingerência.

No teatro do mundo passa a reinar Chronos, o Tempo, casado com sua irmã, a titã Rea, chamada também Rea-Gaia. Este, ciumento de seu poder, não confiava nos filhos, pois, por sua própria experiência, um deles poderia sucedê-lo no poder. Assim que tinha um filho, engolia-o e o escondia na barriga. A deusa Rea, irmã e mulher de Chronos, insatisfeita com esse comportamento, planejou libertar os filhos. Quando o novo filho, Zeus, estava prestes a nascer, Rea se escondeu dos olhos do marido-irmão e pariu clandestinamente, entregando-o às ninfas Naiades, divindades das grutas, que se encarregaram de escondê-lo e criá-lo nas profundezas de Gaia, a avó. Mas Chronos exigiu que Rea lho entregasse. Assim, a conselho de Gaia, Rea apresentou a Chronos uma pedra enrolada em fraldas, chamando a atenção do marido para a sua fragilidade. Chronos, impulsivo, engoliu os panos e a pedra juntos – toda a geração dos filhos de Chronos e Rea estava em seu estômago, junto com a pedra – e, conforme os planos de Gaia, sentiu dores de estômago. Rea, então, lhe ofereceu um *pharmakós*, um vomitório. Mal Chronos o engoliu, vomitou a pedra e os filhos.

Todos os filhos libertados se reuniram a Zeus, e teve início o que foi chamado de “Guerra dos Titãs”, um enfrentamento universal que se prolongou por tempo indeterminado. O teatro do mundo estava dilacerado. Zeus, seguindo os conselhos de Prometeu, soube que, para vencer, tinha de contar com a inteligência, e não com a força bruta, pois Chronos era mais forte que todos. Não seria a violência que desempenharia o papel determinante nessa guerra, mas sim a inteligência que, até então, fora apanágio de Gaia. A balança, então, começou a pender para o lado de Zeus, que se estabeleceu no alto do Monte Olimpo, e, segundo Freud: “Foi talvez nessa época que algum indivíduo, na urgência de seu anseio, tenha sido levado a libertar-se do grupo e a assumir o papel do pai” (FREUD, *AE XVIII*, 1991, p.128). Na peça, Prometeu relata que:

*No instante mesmo de chegar a indignação/ao coração dos deuses, enquanto a discórdia/crescia entre eles – uns nutrido a ideia/ de expulsar Chronos de seu trono cobiçado/para que Zeus o sucedesse no poder;/ outros lutando para que Zeus não reinasse/ sobre todos os mortais sem exceção –/aos divinos Titãs, filhos de Urano e Gaia,/ achei conveniente dar conselhos sábios/e preferindo a presunçosa força bruta/mas fui malsucedido. Desdenhando a astúcia/em sua estupidez, eles imaginaram/que não lhes custaria muito sofrimen-*

*to/conquistar a vitória pela violência/[...] Tentei explicar/a meus irmãos Titãs com fortes argumentos/mas nenhum deles se dignou sequer a olhar-me./naquela conjuntura, pareceu-me logo que seria melhor ter minha mãe por mim,/tomando o partido de Zeus, que de bom grado,/me recebeu como aliado. Só por isso,/e graças aos meus planos, um negro antro/do Tártaro profundo oculta para sempre/o muito antigo Chronos com seus prosélitos. (vv. 199-221)*

No auge dessa guerra entre as forças divinas, Zeus lançava seus raios, titãs se precipitavam sobre titãs, e o mundo retornou a estado caótico. O Céu desabou novamente sobre a Terra, e o mundo retornou à desordem original, quando nada tinha forma. Depois da vitória de Zeus, baseada na astúcia prometeica, ele decidiu, então, recriar o mundo, refazer um mundo organizado. Todos os deuses e deusas foram chamados a reordenar o mundo, e a cada um coube uma tarefa específica, que deveria ser realizada sem demora. Aos titãs Prometeu e Epimeteu coube reorganizar o mundo dos seres terrenos. Zeus lhes dera um prazo para o cumprimento da tarefa, e uma série de dons e atributos para distribuírem entre os seres. Prometeu, o deus que conhecia o futuro, e Epimeteu, o deus que conhecia o passado, partiram pela extensão de Gaia, a Mãe, cumprindo a sua tarefa. A cada ser foi dado um lugar para viver, um *habitat* natural. A cada um foram concedidos dons e atributos que lhes permitissem a vida no mundo.

Encerrada a tarefa, os titãs retornaram ao Olimpo e se apresentaram a Zeus. O grande deus lhes perguntou se haviam cumprido sua parte na montagem do mundo, e Epimeteu lhe respondeu que sim. Foi então que Zeus lhes informou que não haviam cumprido integralmente sua tarefa, pois a um único ser não fora destinado um lugar no mundo. Os titãs esqueceram-se de um ser pequeno, frágil e desprovido de encantos. E Zeus lhes apresentou este ser esquecido, sem lugar, o *anthropos*<sup>8</sup>, o ser humano, o ser “deslocado” (sem lugar). E lhes disse que não havia mais tempo nem restava qualquer dom. Seria necessário, então, eliminar o *anthropos*, pois era frágil e em nenhum lugar conseguiria sobreviver. Epimeteu, que tinha o conhecimento do passado, concordou com Zeus: realmente, aquele ser não poderia sobreviver em nenhum lugar do mundo. Prometeu, que tinha o conhecimento do futuro, ousou discordar de Zeus. Na tragédia, Prometeu relata sua versão dos acontecimentos, justificando seu “ato de castração” do fogo sagrado de Zeus-pai:

[...] depois de sentar-se no trono/ de seu pai Chronos, Zeus distribuiu aos deuses os diferentes privilégios e cuidou/de definir suas atribuições./Mas nem por um fugaz momento ele pensou/nos mortais castigados pelas desventuras./O seu desejo era extinguir a raça humana/a fim de criar outra inteiramente nova./Somente eu, e mais ninguém, usei opor-me/a tal projeto impiedoso; apenas eu/a defendi; livre os homens indefesos/da extinção total, pois consegui salvá-los de/serem esmagados no profundo Hades. (vv. 228-236)

Sentindo-se responsável pelo destino daquele ser deslocado, decidiu não eliminá-lo do mundo. Prometeu sabia, também, que não bastava manter o *ánthropos* vivo, pois, quando fosse solto no mundo, sucumbiria imediatamente, tamanha era a sua fragilidade e sua falta de habilidade. O titã não tinha qualquer dom natural para dar ao ser humano, tampouco restava qualquer lugar no qual instalá-lo, mas havia algo que lhe poderia ser dado e, então, surrupiou uma centelha do raio de Zeus, o fogo, e entregou ao ser humano. Não todo o fogo de Zeus, mas apenas o suficiente para que aquele ser sem lugar pudesse sobreviver e criar um mundo e um *habitat* para si mesmo. Com esse elemento, Prometeu concedeu ao ser humano a esperança: “livrando os seres humanos do medo da morte, dando-lhes a esperança” (v. 248). O Corifeu dialoga com Prometeu:

*Cor.: Então o fogo luminoso, Prometeu,  
está hoje nas mãos desses seres efêmeros?*

*Prom.: Com ele aprenderão a praticar as artes.*

*Cor.: Foram essas as queixas que levaram Zeus...*

*Prom.: ... a inflingir-me este tormento sem alívio!*

*Cor.: Teu infortúnio não terá limite, então?*

*Prom.: Nenhum; tudo depende dos caprichos dele. (vv. 253-258)*

Segundo Freud, em **Aquisição e Controle do Fogo** (1976), o roubo do fogo (atributo fálico) por Prometeu, *pro methis*, equivale a uma subtração ou castração simbólica, que inquieta Zeus, é um prenúncio de uma derrocada de Zeus pela humanidade aculturada, assim como uma competição entre Prometeu e Zeus:

*(...) em termos analíticos, diríamos que a vida instintual – o id – é o deus que é defraudado quando se renuncia à extinção do fogo: na lenda, o desejo humano transforma-se em privilégio divino. No entanto, na lenda, a divindade não possui nada das características do superego, ainda representa a vida soberana dos instintos. (...) E por que a lenda haveria de retratar um feito que era um benefício para a civilização como sendo um crime que merecia castigo? Ora, se, malgrado todas as distorções, transparece o fato de que a aquisição do controle do fogo pressupõe uma renúncia instintual, a lenda, pelo menos, não mantém em segredo o ressentimento que o herói cultural não deixaria de suscitar nos homens movidos pelos instintos. E isto está de acordo com o que sabemos e esperamos. Sabemos que a exigência de renunciar ao instinto, e a coerção dessa exigência, despertam hostilidade e agressividade, que só se transformam em sentimento de culpa em uma fase posterior do desenvolvimento psíquico.* (FREUD, **Std.** XXIX, 1976, p.104-106)

Centremo-nos apenas num aspecto desse mito: Zeus vencera a Guerra dos Titãs, com o auxílio de Prometeu que, contudo, ousou desobedecer ao novo rei, protegendo os seres humanos. A afronta – ou o medo do novo governante de perder o poder – leva-o a suprimir o poder de Prometeu, atando-o à rocha. Em termos psicanalíticos, podemos extrair daí a seguinte estrutura narrativa: o filho castra o pai ao subtrair-lhe o fogo como símbolo (fálico) do poder e, como consequência, teme a retaliação da parte dele. No mito, a ameaça de castração temida pelo filho ao desejar matar/castrar o pai é realizada: ao roubar o fogo de Zeus, Prometeu também é “castrado” em sua liberdade, em seu poder de ir e vir, e punido com um castigo sem fim: “Observa bem este espetáculo pungente./Eu, colaborador, eu, amigo de Zeus,/que o ajudei a instaurar-se no poder,/estou agora aqui, diante de teus olhos,/sofrendo esta agonia a que ele me sujeita!” (vv. 304-306). Ao exercer o poder sobre Zeus, determinando a sua ascensão e, depois, trapeando-o, ou seja, ao “castrar” o pai, a punição retorna sobre Prometeu como outra forma simbólica de castração: a privação da liberdade.

Zeus, ludibriado por Prometeu – que, se o auxiliou a tomar o poder, ousou castrá-lo-, vingá-se lembrando diariamente o seu poder, tal como um pai retaliador, reiterando para si mesmo e para todos que não fora vencido e, com essa fixação, demonstrando quão traumático fora o ato de supressão

de Prometeu sobre ele; e Prometeu, que sobrevive vaticinando a derrocada definitiva de Zeus, a menos que haja a reconciliação, que, por sua vez, recuperará a validade do ato de castração de Zeus. A situação indica uma única saída: a vitória de Prometeu, corroborando, assim, a transmissão dos ensinamentos da moral civilizatória que, por sua vez, consolidará Zeus no poder, mas por ato de Prometeu, que assim o quis desde o início.<sup>9</sup>

Se considerarmos com Freud que o mito consiste na manifestação do conteúdo latente, propomos interpretar que Prometeu tenta igualar seus poderes aos de Zeus, substituindo a força bruta pela *métis* e pelo poder transformador. Prometeu, que ensina as artes e as técnicas, é o instituidor ideal da civilização, diferente de Zeus que, na tragédia, representa um rei-deus pulsional de *vontade pura*. Segundo Freud, o movimento natural seria que, guerra após guerra pela tomada do poder, um líder suplantasse o outro e, depois de cada vitória e instauração de uma ordem, a persistência do espírito da horda primitiva levaria a uma nova insurreição e a uma nova suplantação do líder, em uma violência sem fim por aniquilar e superar a figura representativa do Pai no parricídio simbólico. Esse poder, contudo, depende, para subsistir, do reconhecimento daqueles que lhe são subordinados. Em **Psicologia das Massas e Análise do Eu**, Freud argumenta:

*... As características ominosas e compulsivas das formações grupais, que vem à luz nos fenômenos de sugestão que as acompanham, podem assim, com justiça, ser remontadas à sua origem na horda primeva. O líder do grupo ainda é o temido pai primevo; o grupo ainda deseja ser governado pela força irrestrita e possui uma paixão extrema pela autoridade; na expressão de Le Bon, tem sede de obediência. O pai primevo é o ideal do grupo, que dirige o ego no lugar do ideal do ego. (FREUD, AE XVIII, 1991, p.128)*

Apesar de o pai primevo tirânico ter sido assassinado, cada indivíduo do grupo situa o líder no lugar deixado vazio e, assim, se submete aos seus decretos com uma obediência cega e se revolta quando impedido na execução dos poderes do líder. Na peça, apesar de as falas das personagens criticarem as ações de Zeus, apenas o protagonista e Io agem contra a vontade do grande deus. Aos demais, como Hefesto e Oceano, apesar das críticas, resta a obediência. Hefesto, como vimos, lamenta a sorte de Prometeu, mas não deixa de obedecer aos ditames, mesmo considerados injustos, de seu pai-rei. Oceano vai mais longe, tentando fazer com que o titã se curve ao

novo rei, temendo seu poder desmedido (vv. 306-329). E sua conclusão é significativa: “Ganha mais quem a mente dissimule.” (v. 328). O poder de Zeus, tal qual assoma na peça, é descrito como hiperbólico e perigoso, parecendo-se mais com o pai gozador da horda parricida, que subjuga e usa seus filhos do que com um pai castrado com poderes limitados, como vemos nas declarações do Coro:

*Erigindo seus caprichos em leis,/contra os deuses de outrora/Zeus  
ergue a lança orgulhoso (vv. 403-405)//(...) Não consegues ver/essa  
fragilidade imponderável*

*presente às vezes em sonhos obscuros,/que tolhe os pés da cega raça  
humana? Nunca a vontade dos homens efêmeros/violará a ordem  
prefixada/pela vontade de Zeus soberano. (vv. 547-552)*

Esses versos podem ser lidos de acordo com a seguinte passagem de **Totem e Tabu**:

*Outro aspecto da atitude dos povos primitivos para com seus go-  
vernantes relembra um procedimento que é comum nas neuroses  
em geral, mas vem à luz naquilo que é conhecido como delírio  
persecutório. A importância de uma pessoa determinada é imensa-  
mente exagerada e seu poder absoluto é aumentado até o grau mais  
improvável, a fim de poder ser mais fácil torná-la responsável por  
tudo de desagradável que o paciente possa experimentar. (FREUD,  
Std. IV, 1974, p.64-5)*

O *delírio persecutório* dos subordinados e dos neuróticos sustenta, de certo modo, a manutenção do poder do governante, tornando-o absoluto e incontestável. E o Coro, esconjurando seu temor, declara:

*Queiram os céus que nunca o rei do mundo,/que Zeus jamais  
pretenda hostilizar-nos/com seu poder! Nunca nos esqueçamos/de  
convidar os majestosos deuses/para os sagrados banquetes onde  
morre o boi/perto do imenso curso parental/do Oceano infinito  
onde moramos;/que jamais nossas línguas/sejam ímpias e que este  
princípio/resida eternamente em nossas almas/sem perder sua força  
em tempo algum! (vv. 526-532)*

O temor, a bajulação e as honras divinas devidas ao poder ilimitado de Zeus revestem seu poder com a aura do tabu, do sagrado. Os “sagrados banquetes onde morre o boi” surgem como uma refeição totêmica que, como tal, comemoram o assassinato do pai primevo. Segundo Freud, que estudou as chamadas “sociedades totêmicas” a partir dos pressupostos da antropologia do século XIX e início do século XX, periodicamente toda a tribo se reunia e sacrificava o animal totêmico, venerável e intocável, num ritual festivo, e o consumia, comemorando a libertação da tirania e, ao mesmo tempo, identificando-se canibalisticamente com ele, introjetando-o como parte de si, manifestando sentimentos ambivalentes em relação a esse pai morto. A ritualização do assassinato do pai primevo está, segundo Freud, na origem das religiões:

*(...) Odiavam o pai, que representava um obstáculo tão formidável ao seu anseio de poder e aos desejos sexuais; mas amavam-no e admiravam-no também. Após terem-se livrado dele, satisfeito o ódio e posto em prática os desejos de identificarem-se com ele, a afeição que todo esse tempo tinha sido recalçada estava fadada a fazer-se sentir e assim o fez sob a forma de remorso. Um sentimento de culpa surgiu, o qual, nesse caso, coincidia com o remorso sentido por todo o grupo. O pai morto tornou-se mais forte do que o fora vivo – pois os acontecimentos tomaram o curso que com tanta frequência os vemos tomar nos assuntos humanos ainda hoje. O que até então fora interdito por sua existência real foi doravante proibido pelos próprios filhos, de acordo com o procedimento psicológico que nos é tão familiar nas psicanálises, sob o nome de ‘obediência adiada’. Anularam o próprio ato proibindo a morte do totem, o substituto do pai; e renunciaram aos seus frutos abrindo mão da reivindicação às mulheres que agora tinham sido libertadas. Criaram assim, do sentimento de culpa filial, os dois tabus fundamentais do totemismo, que, por essa própria razão, corresponderam inevitavelmente aos dois desejos reprimidos do complexo de Édipo. (FREUD, Std. IV, 1974, p.164-66)*

Os seres humanos projetam seu imaginário em um símbolo, receptáculo do seu temor ante forças incontroláveis mágico-religiosas, que, sacralizado, torna-se objeto de veneração. Os objetos com destinação ritual vinculam símbolo e revelação, e, assim, veiculam o conteúdo da tradição capaz

de reunir um grupo em torno de uma estrutura imaginária comum. Aqui remetemos à tradição de significados simbólicos e de suas pautas de valor que incluem, de modo igualitário, as qualidades dos objetos e as atitudes, fazendo com que o sistema opere em algum nível de integração, que se manifestará na solidariedade dos seus membros e na aceitação mútua de seus respectivos papéis. Esse seria o eixo de referência de uma dada cultura, o centro em torno do qual ela devém (HORVAT, 2007), e se aplicaria aos rituais totêmicos, em que a figuração e representação de um animal surgiria como o símbolo do pai. Frente a esse símbolo todos os membros da tribo se igualariam e partilhariam os mesmos valores. Desse modo,

*Se o animal totêmico é o pai, então as duas principais ordenanças do totemismo, as duas proibições de tabu que constituem seu âmaggo (...) formam talvez o núcleo de todas as psiconeuroses. Se essa equação for algo mais que um enganador truque de sorte, deverá capacitar-nos a lançar luz sobre a origem do totemismo num passado inconceivelmente remoto. (FREUD, Std. IV, 1974, p.153)*

A Zeus ofereciam-se banquetes cuja vítima era o boi, animal das hecatombes.<sup>10</sup> Sacrificar significava estabelecer boas relações com os superiores, reconhecendo seu poder e pacificando-os. Os superiores são, de certo modo, amados e odiados por seus súditos ou dependentes, e a leitura de Freud do banquete sacrificial nos leva a interpretar o sacrifício tendo seu fundamento no primordial Complexo de Édipo, especificamente no desejo de matar o pai, como a lembrança e comemoração das origens.

No **Prometeu Acorrentado**, Zeus, apesar de todo o seu poder, do temor de seus subordinados e da correspondente “etiqueta da corte” que o cerca, não estava seguro em seu domínio. Seu poder não era apenas desafiado por Prometeu, mas era ameaçado por um ciclo que não terminara. Uranos fora destronado por seus filhos, tendo Chronos assumido, dentre os irmãos, o poder – ciumento e violento –, sendo, por isso, destronado pelos filhos que engolia (*castrava*). Dentre estes, Zeus assoma como o novo pai, que, por sua vez, também sofrerá uma “castração simbólica”; o ciclo não acabara, pois:

*(...) O pai primevo da horda não era ainda imortal, como posteriormente veio a ser, pela divinização. Se morria, tinha de ser substituído; seu lugar era provavelmente tomado por um filho mais*

*jovem, que até então fora um membro do grupo, como qualquer outro. (FREUD, AE XVIII, 1991, p.118)*

Na tragédia, Prometeu é o único que conhece o segredo que destruiria Zeus, caso não debedado, mas não o revela, como dissemos, nem por bajulações (episódio do Oceano), nem sob ameaças (episódio de Hermes). Mas o declara a Io, outra vítima de Zeus:

*Minha resposta é esta: há de chegar o dia/em que, malgrado a pertinácia de sua alma,/Zeus passará a ser extremamente humilde,/pois os festejos nupciais já programados/custar-lhe-ão o fim do trono e do poder/com seu inevitável aniquilamento;/será então inteiramente consumada/a maldição de seu pai, Chronos, contra ele./E nenhum deus além de mim será capaz/de revelar-lhe com total clareza o meio/de conjurar seu desastre e perdição!//Somente eu tenho a ciência do porvir/e o poder de evitar sua consumação./ (...) No dia em que afinal for atingido o alvo/e tiver fim a minha longa provação,/Zeus ficará sabendo qual é a distância/imensurável entre reinar e servir! (vv. 908 – 927)*

No universo da narrativa, Zeus planejava casar-se com Tétis.<sup>11</sup> Tétis era a filha de Nereu (o velho do mar) e Dóris (a flora), e estava destinada a dar à luz um filho mais forte do que o pai. E às profecias das Parcas, nem o grande deus escapava: o filho de Tétis triunfaria sobre todos os deuses.<sup>12</sup> A castração de Zeus ocorreria em dois tempos: no ato de Prometeu de roubar o fogo sagrado e no desvelamento da profecia: se Zeus se casasse com Tétis, seria morto pelo filho que teriam.

Encontramos, então, nas duas narrativas, um primeiro tempo com um tirano que faz reinar a violência, um segundo tempo em que o tirano é morto pelos filhos que se unem e um terceiro tempo em que a lei que ele personificava é substituída por uma lei que serve para todos e é simbólica. Essa lei, para Freud, impediria o incesto e o assassinato do próximo, e serviria de base para a explicação de Freud a Einstein sobre a motivação das guerras. Nesse sentido, em **Carta a Einstein**, datada de 1932, Freud apresenta considerações significativas para a compreensão do **Prometeu Acorrentado**:

*Esta foi, por conseguinte, a situação inicial dos fatos: a dominação por parte de qualquer um que tivesse poder maior – a dominação*

pela violência bruta ou pela violência apoiada no intelecto. Como sabemos, esse regime foi modificado no transcurso da evolução. Havia um caminho que se estendia da violência ao direito ou à lei. Que caminho era este? Penso ter sido apenas um: o caminho que levava ao reconhecimento do fato de que à força superior de um único indivíduo, podia-se contrapor a união de diversos indivíduos fracos. 'L'union fait la force.' A violência podia ser derrotada pela união, e o poder daqueles que se uniam representava, agora, a lei, em contraposição à violência do indivíduo só. (FREUD, *Std.* XXIX, 1976, p.22)

A reconciliação entre, de um lado, Prometeu e a humanidade, e, de outro, Zeus, era o único meio, na tragédia, de se evitar o ciclo de parricídios e violência que até então fora a regra. Prometeu detinha o segredo que, em termos simbólicos, significava o refreamento da *vontade pura* de Zeus e da submissão do grande rei a regras. E a mensagem final é: após a reconciliação de Prometeu e Zeus, o Olímpico se reconciliaria também com a humanidade, instituindo o *kosmos*, o universo ordenado, instaurando um *modus vivendi* civilizado.

Tendo em vista o *simbólico* (*Die Symbolik*) como a instância discursiva que define o estatuto ético do inconsciente, ressaltamos passagens nas quais a tragédia remonta à narrativa mítica de instituição de um universo simbólico, anunciando uma Lei e o estabelecimento da civilização *poliáde*, ordenada pela força do poder de um Zeus reconciliado com Prometeu. Vimos a insurgência de Prometeu e sua relutância em submeter-se à autoridade irrefletida e desmedida de Zeus em detrimento de sua proposta civilizatória, fundada na cultura e na técnica, possibilitando a convivência dos seres humanos e anunciando o estabelecimento da ordem social.

As analogias entre o comportamento de Zeus, narrado na tragédia, e o do *pai primevo* freudiano em relação a seus descendentes demonstram que, em certa medida, é possível interpretar, com bons resultados, a tragédia, a partir dos pressupostos e conceitos cunhados por Freud no equacionamento e tipificação dos processos psíquicos, e do seu desdobramento em fenômenos sensíveis e comportamentais aos quais a psicanálise atribui a perpetuação do “mal-estar na civilização”.

## PROMÉTHÉE ENTRE DEUX MYTHES: TRAGÉDIE ET PSYCHANALYSE

**Resumé:** Nous présentons une lecture de la tragédie *Prométhée Enchaîné*, établissant un parallèle avec le mythe freudien de *Totem et Tabou*. Nous recherchons des analogies entre le comportement de Zeus rapporté sur la tragédie et le comportement du père primitif freudien, ce qui démontre que, dans une certaine mesure, il est possible de trouver dans le mythe freudien une structure similaire à celle du mythe de la tragédie. On retrouve des éléments communs présents dans les deux Prométhée lié, dans leur relation avec Zeus, et en ce qui concerne les enfants avec le père de la 'Horde primitive': soumission à la tyrannie, la castration symbolique et l'institution de la Loi.

**Mots-clés:** *Tragédie; Psychanalyse; Prométhée Enchaîné; Loi; Mythe.*

### Documentação

AESCHYLUS. **Suppliant maidens, Persians, Prometheus, Seven against Thebes.** Trans. SMITH, H. W. London/N.Y.: William Heinemann/G.P. Putnam's Sons, 1922.

ÉSQUILO. Prometeu Acorrentado. *In: Tragédia Grega – v. VI. Prometeu Acorrentado, Ajax, Alceste.* Trad. Mário da Gama Cury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

\_\_\_\_\_. Prometeu Acorrentado. Trad. de Trajano Vieira. *In: VIEIRA, T.; ALMEIDA, G. Três Tragédias Gregas.* São Paulo: Perspectiva, 2007.

FREUD, S. La interpretación de los sueños (1ª. parte). **Sigmund Freud.** Obras completas – v. IV. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1991.

\_\_\_\_\_. Psicología de las masas y análisis del yo. Más allá de principio de placer y otras obras. **Sigmund Freud.** Obras completas – v. XVIII. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1991.

\_\_\_\_\_. Totem e Tabu. *In: \_\_\_\_\_.* **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – v. 4.** Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1976.

\_\_\_\_\_. A aquisição e o controle do fogo. *In: \_\_\_\_\_.* **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – v. 29.** Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1976.

\_\_\_\_\_. Carta a Einstein. *In: \_\_\_\_\_.* **Edição Standard Brasileira das Obras**

## Bibliografia

BATTEZZATO, L. Lyric. In: GREGORY, J. A. (Org.) **A Companion to Greek Tragedy**. Blackwell Companions to the Ancient World. London: The Blackwell Publishing, 2005.

DAVIDSON, J. Theatrical Production. In: GREGORY, J. A. (Org.) **A Companion to Greek Tragedy**. Blackwell Companions to the Ancient World. London: The Blackwell Publishing, 2005.

GRIFFITH, M. **Aeschylus Prometheus Bound**. Nova York: Cambridge University Press, 1983.

\_\_\_\_\_. **The Authenticity of Prometheus Bound**. New York: Cambridge University Press, 1977.

HORVAT, P. O templo de Vesta e a ideia romana de centro do mundo. **Phoînix**, Rio de Janeiro, v. 13, p. 280-291, 2007.

LACAN, J. **Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

QUINET, A. **Um Olhar a Mais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

WEST, M. L. The Prometheus Trilogy. **Journal of Hellenic Studies**, Cambridge, n. 79, p. 130-148, 1979.

## Notas

---

<sup>1</sup> O termo *Genuß*, gozo, tem, na tradição da língua alemã, desde as referências a Aristóteles e a Cícero, passando por Kant, Hegel, Schiller, Nietzsche e Freud, o sentido de *fruição*, *desfrute*. É atualmente mais utilizado com o significado de *prazer*, e Lacan dá ao termo uma conotação sexual.

<sup>2</sup> Desconhecemos a data da representação da tragédia **Prometeu Acorrentado**, e não é consenso se a peça fazia parte de uma trilogia com **Prometeu Portador do Fogo** e **Prometeu Libertado**. A tragédia é atribuída a Ésquilo pelos manuscritos supérstites e por fontes antigas, mas alguns especialistas argumentam que seu autor pode não ser o dramaturgo e que a peça teria sido escrita após sua morte, como o fez M. Griffith (1977) e M. L. West (1979). Outros especialistas, como Luigi Battezzato, defendem a atribuição da tragédia a Ésquilo, mesmo que haja diferenças significativas entre o **Prometeu** e outras tragédias do dramaturgo, especialmente em

relação à métrica e à linguagem. Segundo Battezzato (2005, p.157), é possível que a tragédia tenha sido composta no período compreendido entre a **Oréstia** de Ésquilo e a **Medeia** de Eurípides, e, para ele, o párodo dialógico do **Prometeu Acorrentado** é um dos elementos que situam a técnica dramática da tragédia entre as últimas peças de Ésquilo e as primeiras de Eurípides. Para Battezzato, **Prometeu** poderia mesmo ser de Ésquilo, não só pelas aproximações linguísticas, mas também pelo desenvolvimento das características das personagens, que se tornam mais complexas no que concerne às suas estruturas psíquicas (cf. tb. DAVIDSON, 2005, p.139).

<sup>3</sup> Há alusões a Prometeu em Safo (fr. 207), dentre outros exemplos anteriores ao século V a.C. que ultrapassam os objetivos deste artigo.

<sup>4</sup> A multiplicidade de versões do mito de Prometeu que ganharam vida na arte desde a Antiguidade torna impossível apresentar todas as releituras e apropriações do mito, e apenas pontuamos que, na modernidade, o Titã figurou em obras de nomes como Calderón de la Barca, John Milton, Goethe, Lord Byron, Mary Shelley e André Gide, dentre outros, como o próprio Freud (Std. XXIX, 1976).

<sup>5</sup> O mito, para Lacan, é “a tentativa de dar uma forma épica ao que se opera na estrutura” (LACAN, 1993, p.55). Por exemplo, o mito de Édipo é uma fábula narrativa em que está evidenciada a articulação estrutural para o ser humano entre a lei e o desejo, a proibição do incesto e as consequências de sua transgressão.

<sup>6</sup> É o que podemos extrair do complexo de Édipo, a triangulação afetiva descrita por Freud, em que o pai representa a lei de interdição do incesto com a mãe. Essa proibição não só é um obstáculo ao acesso sexual à mãe, como também é o que a torna desejável na medida em que a lei é a instituidora do desejo.

<sup>7</sup> O sufixo Gaia era aposto aos nomes de Rea (*Rea-Gaia*, em Hesíodo e Heródoto) e Tétis (*Tetis-Gaia*, em **Prometeu Acorrentado**).

<sup>8</sup> Os gregos, ao explicarem o surgimento e a organização do mundo em seus mitos, nomearam o ser humano como *anthropos*, um substantivo neutro. Esse termo não é masculino, nem feminino, pois se refere ao ser humano integral, e não a homens ou a mulheres. Outro mito do ciclo de Prometeu, o mito de Pandora, narrou a divisão do *anthropos* em dois sexos, o masculino e o feminino (HESÍODO. **Erga**). É interessante, também, perceber que a palavra “sexo” vem de um termo latino *sexus*, que significa cisão, divisão, corte. O ser humano seria concebido originalmente uno, e a divisão entre sexos se deu a partir do surgimento de papéis sociais e culturais distintos, que levaram a uma distinção entre o que seria próprio aos homens e o que seria próprio às mulheres.

<sup>9</sup> Após a reconciliação, Prometeu – que impediria o casamento de Zeus com Tétis, que o destruiria pelo nascimento de um filho mais poderoso que o pai – indica ao grande deus os casamentos que deveria realizar: Zeus casa-se, então, com Temis

(justiça) e gera Diké (que gerará os Dikaion, que produzirão os *nomoi*, o direito); casa-se, a seguir, com Mnemosine (memória), gerando as Musas e, por fim, com Méthis (astúcia, irmã gêmea de Prometeu). Prometeu o avisa sobre o perigo de Méthis e, a seu conselho, Zeus a engole após o casamento. Meses depois, dores de cabeça tremendas desesperam Zeus, mas subitamente sua cabeça explode e dela sai Athena Párthenos, completamente armada, com capacete, escudo e lança. Ela será a sua filha mais querida, padroeira de Atenas e da *pólis* grega. Consuma-se o acordo social e a vida cultural, instaurando-se o direito, as artes, as ciências e a ordem política. Zeus deixa de ser violento e desmedido, passando a representar o controle e a ordem social.

<sup>10</sup> Termo que designava o maior dos sacrifícios a Zeus, no qual cem bois eram sacrificados; os ossos e a gordura das vítimas eram queimados no altar sacrificial, e as carnes eram consumidas pelos participantes humanos do ritual. O próprio mito do ritual é significativo, e nele Prometeu tem também um papel de destaque no relato hesiódico do “banquete de Mecone”: os seres humanos, nas origens, não sacrificavam, mas também não consumiam carne, reservada aos deuses. Prometeu, logo após roubar o fogo, mas antes que Zeus o descobrisse, ludibriou o grande rei dos deuses mais uma vez, em prol dos seres humanos. À guisa de brincadeira, separou dois pedaços da carne que seria consumida: de um lado, fez um belo embrulho branco e brilhoso (com os ossos e a gordura do animal); de outro, fez uma massa sangrenta de vísceras, envolvendo a carne macia do animal. E, jocoso, desafiou Zeus a escolher a melhor das partes, desafiando-o a estabelecer que a parte escolhida seria a reservada aos deuses, deixando a rejeitada aos ridículos humanos. Zeus aceitou a provocação e escolheu a parte que lhe pareceu mais apropriada. Ao perceber que escolhera apenas ossos e gordura, enfureceu-se com o Titã e, segundo Hesíodo, este foi o estopim de sua fúria contra Prometeu (HESÍODO. *Erga*).

<sup>11</sup> Ressaltamos que, na primeira fala de Prometeu na peça, o Titã chama Tétis de Mãe, dizendo que a Mãe “tem mil nomes”.

<sup>12</sup> Zeus será avisado (no futuro da peça) por Prometeu (ao se reconciliarem), e não se casa com Tétis. Em vez disso, no dia do casamento, apresenta Peleu, um mortal, em seu lugar, e o filho que nasce é Aquiles, herói da guerra de Troia, o mais forte dos homens, mas fraco perante Zeus. **Prometeu Acorrentado**, contudo, não apresenta esse desfecho, e especialistas supõem que a terceira peça da trilogia, o **Prometeu Libertado**, que não chegou a nós, apresente a reconciliação entre o Titã e o grande Zeus, com base em poucos fragmentos supérstites (cf. GRIFFITH, 1983).